



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CAMPUS GRAJAÚ- MA
**CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/
GEOGRAFIA**

ROSA SANTOS DE SOUSA

**O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRAJAÚ-MA**

Grajaú – MA
2023

ROSA SANTOS DE SOUSA

**O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRAJAÚ-MA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado (a) ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Grajaú.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde

Grajaú – MA
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos de Sousa, Rosa.

O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO ENSINO
FUNDAMENTA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRAJAÚ-MA / Rosa
Santos de Sousa. - 2023.

47 p.

Orientador(a): Patrícia Costa Ataíde.

Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Humanas
- Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú MA,
2023.

1. Aprendizagem. 2. Ensino de Geografia. 3.
Estratégias Metodológicas. I. Costa Ataíde, Patrícia. II.
Título.

ROSA SANTOS DE SOUSA

**O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRAJAÚ-MA**

Aprovada em: 26/09/2023

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dr.^a Patrícia Costa Ataíde
(Orientadora)**

**Prof.^a Dr.^a Jaciara da Silva Arruda
UFMA**

**Prof.^a M.^a Cynthia Helena Chaves Oliveira
SEDUC/MA**

Grajaú – MA

2023

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que agradeço a Deus, pela minha vida, e por me amparar nos momentos difíceis que encontrei ao longo do curso. Agradeço à minha mãe Iracy Santos de Sousa, que antes de falecer foi tudo nessa terra para mim, a conclusão desse trabalho só foi possível por que ela dedicava seu tempo para cuidar da minha filha enquanto eu estudava.

Agradeço à minha família por sempre acreditar na minha capacidade, em especial minha irmã Valdilene Santos de Sousa, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me incentivando nos momentos mais difíceis, à minha filha por se encher de orgulho por ter uma mãe fazendo um curso superior.

A todos os meus professores do curso de Ciências Humanas/ Geografia da Universidade Federal do Maranhão pela excelência na qualidade de ensino, em especial à minha orientadora Patrícia Costa Ataíde, pelas orientações e ensinamentos que me permitiram ter um melhor desempenho no meu processo de formação acadêmica.

Ao meu esposo Mateus Gomes Batista, pelo apoio, compreensão, paciência e companheirismo. Aos meus colegas e amigos do curso pelas trocas de experiências, juntos conseguimos avançar e ultrapassar muitos obstáculos.

Agradeço à minha amiga Rosiléia Souza, que compartilhou comigo muitos momentos concernentes a essa formação. Palavras seriam insuficientes para agradecer as inúmeras vezes em que se fizeram presente na hora da ajuda mútua por toda essa trajetória.

Agradeço a esta maravilhosa instituição de ensino e a todo o seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de poder cursar o ensino superior. Enfim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa conquista, e agradeço a mim mesma por nunca desistir dos meus sonhos e objetivos.

RESUMO

Na educação básica e no ensino superior percebe - se uma grande lacuna no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Essa situação é resultante de um grande déficit de aprendizagem em Geografia que pode ser observado claramente no cotidiano escolar e nas avaliações que são aplicadas pelo governo federal. Nesse sentido, partimos da seguinte problemática: Quais as principais dificuldades de aprendizagem em Geografia? Questionamento esse que buscamos responder, ao longo do texto, na perspectiva dos professores. Na sequência, delineou-se como objetivo geral, analisar as principais dificuldades de aprendizagem, em Geografia, de estudantes do ensino fundamental em uma escola pública em Grajaú-MA e seus reflexos no rendimento escolar. Para isso, o caminho metodológico traçado neste estudo, traz como natureza, a abordagem qualitativa do tipo descritiva, com a utilização de estudos bibliográficos e entrevistas semiestruturadas. Os participantes foram 3 (três) professores de escolas da rede pública municipal de Grajaú MA. Constata-se, por meio dos resultados que, as maiores dificuldades apontadas pelos professores foram a falta de atenção e o escasso hábito de leitura. Nesse cenário, o déficit de aprendizagem em Geografia no ensino fundamental requer uma abordagem multifacetada, que envolva aprimoramento da formação docente, uso de recursos didáticos adequados e promoção de uma aprendizagem contextualizada e participativa, são importantes caminhos para a melhoria do ensino e aprendizagem em Geografia.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Ensino de Geografia. Estratégias Metodológicas.

ABSTRACT

In basic education and higher education, there is a large gap in the teaching and learning process of students. This situation is the result of a large learning deficit in Geography that can be clearly observed in everyday school life and in the assessments applied by the federal government. In this sense, we start with the following problem: What are the main learning difficulties in Geography? Next, the general objective was to analyze the main learning difficulties, in Geography, of elementary school students in a public school in Grajaú-MA and their effects on school performance. To achieve this, the methodological path outlined in this study is characterized by a quantitative and qualitative descriptive approach, using bibliographical studies and semi-structured interviews. The participants were 3 (three) teachers from municipal public schools in Grajaú MA. It can be seen from the results that the biggest difficulties pointed out by teachers were lack of attention and poor reading habits. In this scenario, the learning deficit in Geography in elementary school requires a multifaceted approach, which involves improving teacher training, use of appropriate teaching resources and promoting contextualized and participatory learning, these are important ways to improve teaching and learning in Geography.

Keywords: Learning. Teaching geography. Methodological Strategies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS	10
2.1A Geografia como campo de estudo: aspectos gerais	12
2.2 A realidade de uma escola pública em Grajaú-MA	15
3 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA INVESTIGADA	20
3.1 Aspectos pedagógicos	21
4 ESTRATÉGIAS DE ENSINO ADOTADAS DIANTE DO DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA	29
4.1 Dificuldades apontadas pelas professoras e professores para a realização da prática docente.....	29
4.2 Sugestões para o enfrentamento do déficit de aprendizagem em Geografia.....	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	42

1 INTRODUÇÃO

Diante da necessidade da formação profissional e realização pessoal de poder estudar um curso superior, fiz a escolha pela licenciatura em Geografia pela afinidade na área. Visto que, a cidade em que resido, Grajaú/MA é uma região muito rica geograficamente, podendo com isso, aprimorar ainda mais a prática pedagógica dentro do curso de Geografia.

Essa área do conhecimento sempre fez parte da minha história, das minhas curiosidades e desejos de pesquisar sobre o mundo e tudo que envolve a sua estrutura física e política.

O estudo de Geografia é de grande relevância, pois traz consigo conhecimentos que possibilitam a compreensão de conceitos e aspectos físicos, ambientais e sociais fundamentais para a vida. Além disso, a Geografia em seu caráter interdisciplinar permite o contato com outras ciências e áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Física, entre outras.

Em se tratando do ensino de Geografia não é fácil reverter o processo e o caminho da “decoreba”¹, descontextualizado que por vezes acompanha o processo ensino-aprendizagem de Geografia. Mas, por meio da própria Geografia, podemos fazer um exercício de crítica, análise, tentando trazer novas formas de aprendizagem. Pesquisar, como, no caso, uma escola pública da cidade de Grajaú.

Este trabalho se propõe a colocar em evidência a prática docente em Geografia numa escola da rede pública de ensino. A escola pesquisada fica localizada no Loteamento Juçara, da cidade de Grajaú MA, a mesma é composta por 12 salas de aula e atende, atualmente, acerca de 541 alunos de ensino fundamental anos finais.

A finalidade dessa pesquisa nesse cenário educativo se constrói mediante da necessidade de procurar entender a grande lacuna no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, nesse sentido, partimos da seguinte problemática: Quais as principais dificuldades de aprendizagem de alunos e alunas?

¹ Forma de ensino que não instiga o pensamento com criticidade, sendo, portanto, um tipo de memorização mecânica.

Questionamento esse que buscaremos responder ao longo da pesquisa na perspectiva dos professores.

Nesse sentido, o objetivo proposto neste trabalho é analisar as principais dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental em uma escola pública em Grajaú-MA e seus reflexos no rendimento escolar.

Para tanto, delineamos como objetivos específicos:

- Apontar os aspectos qualitativos referentes ao déficit de aprendizagem e o ensino de Geografia;
- Identificar as principais causas e consequências do déficit de aprendizagem, em Geografia, na escola investigada;
- Apontar as principais estratégias utilizadas no ensino de Geografia para alunas e alunos com déficit de aprendizagem.

A pesquisa, de abordagem qualitativa do tipo descritiva, além da investida no campo, contou com revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas, que nos ajudaram a compor a Metodologia de Pesquisa e as posteriores interpretações que possam subsidiar o processo ensino-aprendizagem dessa área do conhecimento.

A Geografia é uma ciência que trabalha o humano e o social. Andrade (2008, p.14) afirma que: “A geografia pode ser definida como a ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza, ou melhor, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza [...]”.

Mediante esta afirmação é que confirmamos a articulação deste conteúdo com o ensino de Geografia no Brasil. Essa monografia conversará com outros campos, enaltecendo não somente o eixo pedagógico, como também a entrada das novas tecnologias digitais na educação, além das políticas públicas dessa área.

Para a realização dessa pesquisa foram entrevistados três professores de ensino fundamental nos anos finais, que serão identificados através de letras alfabéticas. Professora “A” formada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) tem 50 anos de idade e trabalha a disciplina de Geografia há 19 anos. Professor “B” com Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e especialista em Geografia e Meio Ambiente pelo Centro de Educação Superior Piauiense (CESP), tem 40 anos de idade e trabalha Geografia há 15 anos. Professora “C”, com Licenciatura em

História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Licenciatura em informática pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA) tem 35 anos de idade e trabalha a disciplina de geografia a 3 anos.

Esta monografia, além desta introdução, está organizada em sessões que estaremos trabalhando sob os seguintes aspectos: num primeiro momento sobre o déficit de aprendizagem e o ensino de Geografia, causas e consequências do déficit de aprendizagem na escola investigada e por último, as estratégias de ensino adotadas diante do déficit de aprendizagem em Geografia, bem como considerações finais.

2 O DÉFICIT DE APRENDIZAGEM E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

Há uma série de debates acerca do ensino de Geografia que englobam o processo de ensino-aprendizagem, além da escassez de recursos para o trabalho com os alunos, formação de professores deficitária no ensino de Geografia, a dificuldade metodológica no trabalho com as novas tecnologias, dificuldade em estabelecer relações e compreensões entre o ser humano e o habitat natural.

Os professores entrevistados relataram em suas falas algumas dificuldades que os alunos possuem com a aprendizagem e o estudo da Geografia. A seguir destacam-se as falas dos três entrevistados:

“Uma das maiores dificuldades dos alunos é na Geográfica Física e no estudo da Cartografia eles têm grandes dificuldades de assimilação” (Professora A)

“Os alunos apresentam maior dificuldade na Geografia Física, principalmente, quando se trata de relevo, hidrografia e clima, já na Geografia Humana eles têm maior facilidade de assimilação, principalmente, em conteúdos voltados para a questão das guerras mundiais, Guerra Fria” etc. (Professor B)

“Uma grande dificuldade apresentada pelos alunos é aprender nomes de países e continentes”. (Professora C)

Os relatos dos docentes evidenciam que mesmo diante de tantas ferramentas inovadoras no campo da educação, ainda há grandes dificuldades de assimilação de conteúdo da disciplina de Geografia. Em seguida ao serem

questionados sobre a influência da didática na aprendizagem dos alunos os docentes afirmaram que:

“Dependendo da didática que é utilizada em sala de aula os alunos terão resultados positivos levando os mesmos a uma participação coletiva”.
(Professora A)

“Os aspectos pedagógicos geram resultados positivos porque quando o professor tem apoio pedagógico, ele terá como ajuda o seu aluno através de uma aula mais diversificada e enriquecida”. (Professor B)

“Uma metodologia bem desenvolvida a partir da realidade de cada aluno fará toda a diferença na aprendizagem. (Professora C)

Dessa maneira, percebe-se que os professores entendem a necessidade e importância dos recursos tecnológicos em suas práticas em sala de aula, portanto as tecnologias podem ser instrumentos de importante relevância para uma formação construtiva, auxiliando o professor a manter uma proximidade do conteúdo aplicado ao estudante.

Para tanto, é importante considerar que a tecnologia faz parte do contexto atual contemporâneo e deve ser ressignificado no trabalho pedagógico escolar uma vez que além de uma ferramenta técnica, é uma possibilidade didática de trabalho em sala de aula

Os três entrevistados responderam ainda que possuem uma ótima autonomia e relação de amizade entre gestão, coordenação e corpo docente. Tendo os mesmos grande liberdade e apoio para trabalhar da melhor forma possível, mesmo com as dificuldades apontadas pela ausência de gerenciamento da Secretaria de Educação e quando necessitam de algum movimento formativo, são os próprios professores que investem na autoformação. Em busca de aprimoramento profissional e estratégias metodológicas, os docentes investem na autoformação através de cursos online, que acontecem por iniciativa própria.

A ausência de formação adequada por parte da rede de ensino é um desafio significativo que pode ter impactos negativos na qualidade da docência e, conseqüentemente, na educação como um todo. A formação dos educadores é fundamental para garantir que eles possuam as habilidades, conhecimentos e competências necessários para criar ambientes de aprendizagem eficazes e proporcionar uma educação de qualidade aos alunos.

A formação oferece uma compreensão aprofundada das teorias de aprendizagem, estratégias pedagógicas e métodos de ensino eficazes. Isso os

capacita a adaptar suas abordagens de acordo com as necessidades dos alunos e a desenvolver planos de aula que estimulem a participação e o engajamento.

2.1 A Geografia como campo de estudo: aspectos gerais

Cada vez mais, o ensino e o trabalho com a Geografia tornam-se complexos e por vezes, difícil, levando ao desinteresse pela disciplina, considerando-a apenas pelo aspecto da memorização de nomes, números, países, acidentes geográficos, entre outros... O ensino e o trabalho com a disciplina de Geografia podem enfrentar desafios que levam ao desinteresse por parte dos alunos. No entanto, esses desafios também podem ser pautados por meio de abordagens pedagógicas inovadoras e estratégias de ensino que despertem o interesse e a relevância da Geografia na vida dos estudantes.

De acordo com Santos (2004, p.37) desenvolver um trabalho crítico com a geografia é levar a retomada das discussões sobre a interdisciplinaridade. Tendo o próprio objeto de estudo da disciplina, a Geografia, com esse aparato de criticidade. Por isso, percebemos o quanto de complexidade há na aprendizagem dos conteúdos, suas especialidades e reflexões.

Na aprendizagem da Geografia, a continuidade no Ensino Fundamental representa um processo importante em que o aluno deverá avançar na teoria e metodologia em relação ao campo da própria epistemologia da ciência.

A Geografia é vista pelas transformações que sofre em função das atividades econômicas, hábitos culturais ou questões políticas, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que as pessoas vivem (Morais, 1998). Concorda-se com Moraes, pelo fato que, as transformações sofridas pelo meio que se vive contribuem para a vivência das práticas de ensino aprendizagem em geografia.

A Geografia é uma disciplina que está intrinsecamente ligada às transformações resultantes das atividades econômicas, dos hábitos culturais e das questões políticas. Essas influências moldam a paisagem geográfica de diferentes regiões e são expressas de várias maneiras no ambiente em que as pessoas vivem.

Da mesma forma, há a possibilidade de verificar e compreender o motivo pelo qual a natureza favorece o desenvolvimento de determinadas atividades em certos locais e não em outros e, assim, conhecer as influências que uma exerce sobre outra, reciprocamente.

A Geografia desempenha um papel crucial ao explorar e compreender as relações complexas entre a natureza e as atividades humanas em diferentes locais. Essa interação recíproca entre a natureza e as atividades humanas é conhecida como relação homem-meio ambiente, e é uma das áreas centrais de estudo na Geografia.

A topografia, o clima, os solos e os recursos hídricos são exemplos de fatores naturais que influenciam a escolha e a viabilidade de diferentes atividades humanas. A agricultura, por exemplo, é favorecida em áreas com solos férteis e clima propício ao cultivo.

A localização de cidades e indústrias muitas vezes está ligada a fatores como acesso a recursos naturais, proximidade de fontes de água para consumo e produção, e facilidade de transporte. Portos marítimos, por exemplo, são frequentemente locais estratégicos para a instalação de indústrias e centros comerciais.

As atividades humanas, como agricultura intensiva, urbanização e exploração de recursos, podem ter impactos significativos no ambiente natural, incluindo erosão do solo, poluição da água e do ar, desmatamento e perda de biodiversidade.

Compreender as interações entre a natureza e as atividades humanas é essencial para o planejamento sustentável. Isso envolve encontrar maneiras de equilibrar o desenvolvimento econômico com a conservação do ambiente, a fim de atender às necessidades presentes e futuras.

O conhecimento das características naturais de uma região auxilia no zoneamento e ordenamento do território, ajudando a direcionar as atividades humanas de maneira que seja compatível com as condições locais e minimize os impactos negativos.

A Geografia nos proporciona uma visão abrangente das relações complexas entre a natureza e as atividades humanas. Isso nos ajuda a entender porque certas atividades prosperam em certos locais, enquanto outras não, e como as decisões

humanas podem afetar o meio ambiente e vice-versa. Esse entendimento é crucial para tomadas de decisão informadas e para a promoção de um desenvolvimento sustentável e equilibrado.

O século XIX foi marcado por grandes mudanças, como por exemplo, a sistematização da ciência geográfica, mas, antes desse período as experiências de vida dos povos que habitavam os diversos lugares estariam baseadas também em um conhecimento e ideias de origem geográfica. Esses povos não faziam ciência, mas, na prática diária utilizavam a Geografia, dando a perceber que as origens do pensamento geográfico remontam aos tempos passados da história humana, e foram as primeiras sementes que futuramente iriam implementar um conhecimento geográfico solidificado (Santos; Fernandes, 2018).

Segundo Freitas (2018), no Brasil, a Geografia como campo de estudo educacional iniciou-se ainda no século XIX. Em 1837, a Geografia foi implantada como disciplina escolar obrigatória pela primeira vez no Brasil, acontecendo no Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). Tinha por objetivo principal implementar a ciência destinada à elite brasileira que se destinava a inserir nos cargos políticos e nas demais atividades relacionadas.

De acordo com Freitas (2018), por volta do início do século XX, a ciência se consolidou nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. A principal característica desse momento era a disseminação da ideia de se conhecer os aspectos naturais regionais, para que tivesse o sendo patriótico.

No ano de 1905, publicou-se o livro *Compêndio de Geografia Elementar* (de Manuel Said Ali Ida). Nesse trabalho o principal foco era a abordagem do Brasil por suas regiões, com intuito de conhecer melhor os aspectos locais do país e no ano de 1934, a Geografia chegou às universidades, onde o curso seguia uma linha tradicional de ensino.

Em 1966, Lacoste publicou sua obra *Geografia do Subdesenvolvimento*, lançando posteriormente a *Geografia crítica no Brasil*. Na década de 70 do século XX, quando o Brasil vivenciou uma ditadura militar, a Geografia foi unificada à História, formando um único campo de estudos chamado de Estudos Sociais.

Esta ação do governo tinha o intuito de aniquilar com a ameaça de que a Geografia e a História poderiam ter para com a política nacional. Nos anos 70 e 80 ainda, o geógrafo brasileiro, Milton Santos, lançou uma obra intitulada de “Por uma

Geografia Nova”, com uma configuração crítica. As questões sociais e os problemas oriundos foram o mote desse trabalho.

A obra de Milton Santos abriu portas para uma ciência voltada para debates e discussões sobre as perspectivas para o século XXI, especialmente no processo de ensino-aprendizagem. E contribuiu de forma significativa para a Geografia e o pensamento crítico.

Milton Santos é um dos geógrafos mais renomados do Brasil e do mundo, e sua obra tem tido um impacto duradouro nas áreas de Geografia, urbanismo, planejamento e estudos sociais. Uma das principais características de seu trabalho é a abordagem crítica e reflexiva sobre as questões sociais, espaciais e culturais, que abriu portas para debates e discussões importantes, especialmente no contexto do processo de ensino-aprendizagem e para as perspectivas do século XXI.

O referido geógrafo foi pioneiro em introduzir uma perspectiva crítica na Geografia, desafiando conceitos tradicionais e propondo uma visão mais humanista e sensível das relações espaço-sociedade.

A maior mudança que aconteceu no Brasil foi em 1998, com o lançamento oficial dos objetivos da Geografia, que afirma que os educandos necessitam conhecer e compreender as relações entre a sociedade e também a dinâmica da natureza e suas paisagens.

2.2 A realidade de uma escola pública em Grajaú-MA

Devemos problematizar as interações entre o espaço local e o global. É importante que a escola ofereça a oportunidade de um conhecimento organizado de todo o trabalho pedagógico. Procurar valorizar o seu lugar de vida, tendo sempre o cuidado de lançar mão de uma didática que valorize a vida e a experiência dos alunos e alunas. O ensino é um processo dinâmico que envolve vários atores, como aluno, docente, a escola, a área de ensino. Os dois elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros.

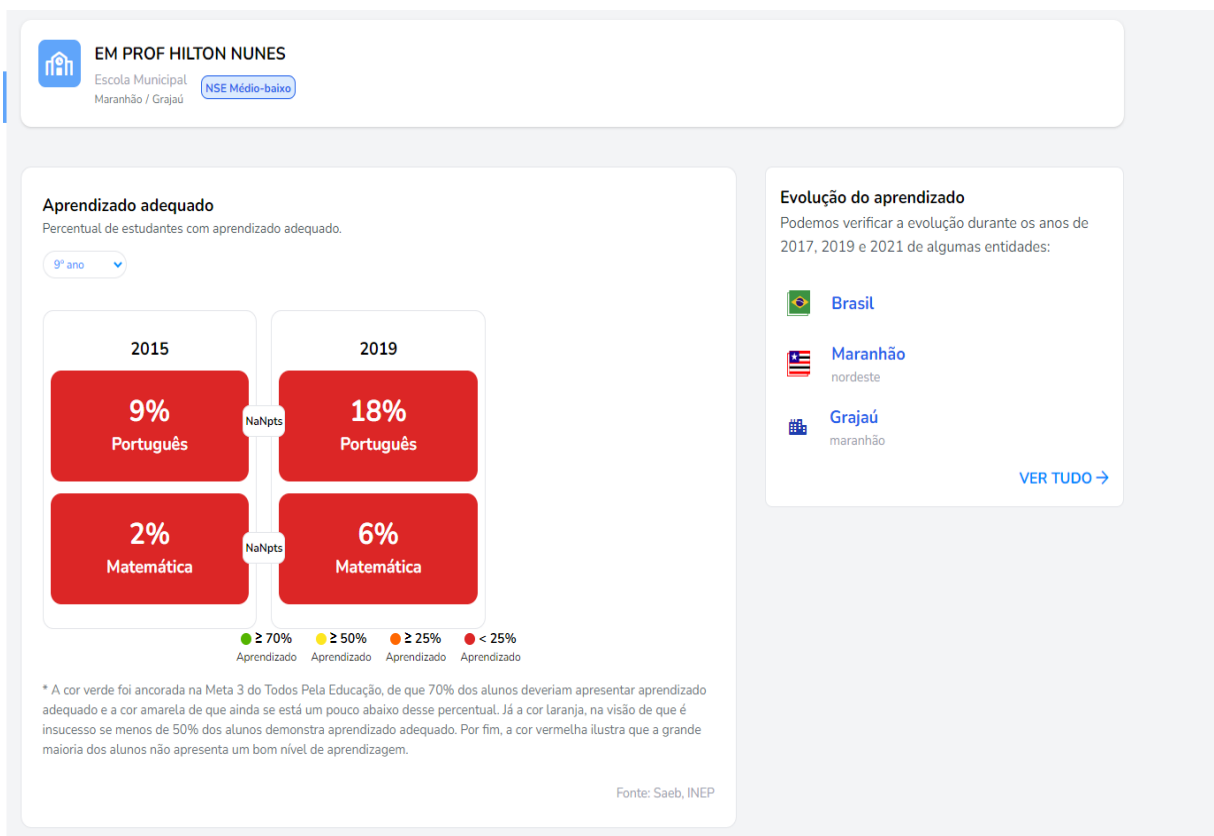
A escola analisada é da rede pública que fica localizada no perímetro urbano da cidade de Grajaú Maranhão. A Unidade Escolar possui a parte de saneamento

básico bem estruturada, oferece alimentação e água potável e possui conexão com a internet já organizada. Além de espaços como: laboratório de ciências, biblioteca, quadra esportiva, sala da direção e dos professores. O laboratório precisaria de um maior investimento, pois até o momento o mesmo se encontra sem nenhuma estrutura para ser utilizado. Além de não possuir uma estrutura de acessibilidade bem montada.

De acordo com o penúltimo (*Sistema de Avaliação da Educação Básica*), SAEB (2019) os índices da escola estão abaixo dos 50%, tanto em Língua Portuguesa, quanto em Matemática, refletindo as dificuldades que os alunos possuem nas outras áreas de ensino, já que a leitura, escrita e conhecimento lógico matemático estão distantes do ideal para que seja considerado um letramento eficaz.

Abaixo, acrescentaremos dados estatísticos importantes para a análise da estrutura dos espaços educacionais.

Figura 1- Aprendizado em Português e Matemática



Fonte: <https://qedu.org.br/>

A proficiência básica ou insuficiente também é retrata desse nível elementar ou abaixo do considerado adequado ou bom. A Proficiência Básica refere-se ao nível de habilidade ou conhecimento mínimo que se espera que um aluno tenha em uma determinada área. Quando um aluno tem proficiência básica, ele possui uma compreensão fundamental dos conceitos e habilidades relevantes, mas pode enfrentar desafios ao aplicá-los de forma mais complexa ou aprofundada.

Já a Proficiência Insuficiente indica que o aluno não atingiu o nível mínimo necessário de habilidades ou conhecimentos. Os alunos com proficiência insuficiente podem ter dificuldades significativas em entender conceitos básicos e podem precisar de apoio adicional para melhorar seu desempenho.

Figura 2 - Distribuição dos alunos por proficiência



Fonte: <https://qedu.org.br/>

A imagem Qedu também traz dados importantes e consideráveis manifestando que durante os últimos anos, na pandemia, os alunos foram aprovados, mesmo sem o nível adequado de escolaridade. Ainda pela mesma fonte, percebemos a distorção série/idade muito forte, colocando que a cada 100 alunos,

36 estariam fora da faixa etária, conforme podemos verificar na figura 3. Apresentando distorção entre série e idade.

A distorção entre série e idade, também conhecida como defasagem escolar ou idade-série inadequada, ocorreu de forma intensa devido à pandemia de COVID-19 e teve impactos significativos no ensino e na aprendizagem, e esses impactos podem ter afetado ainda mais a distorção entre série e idade.

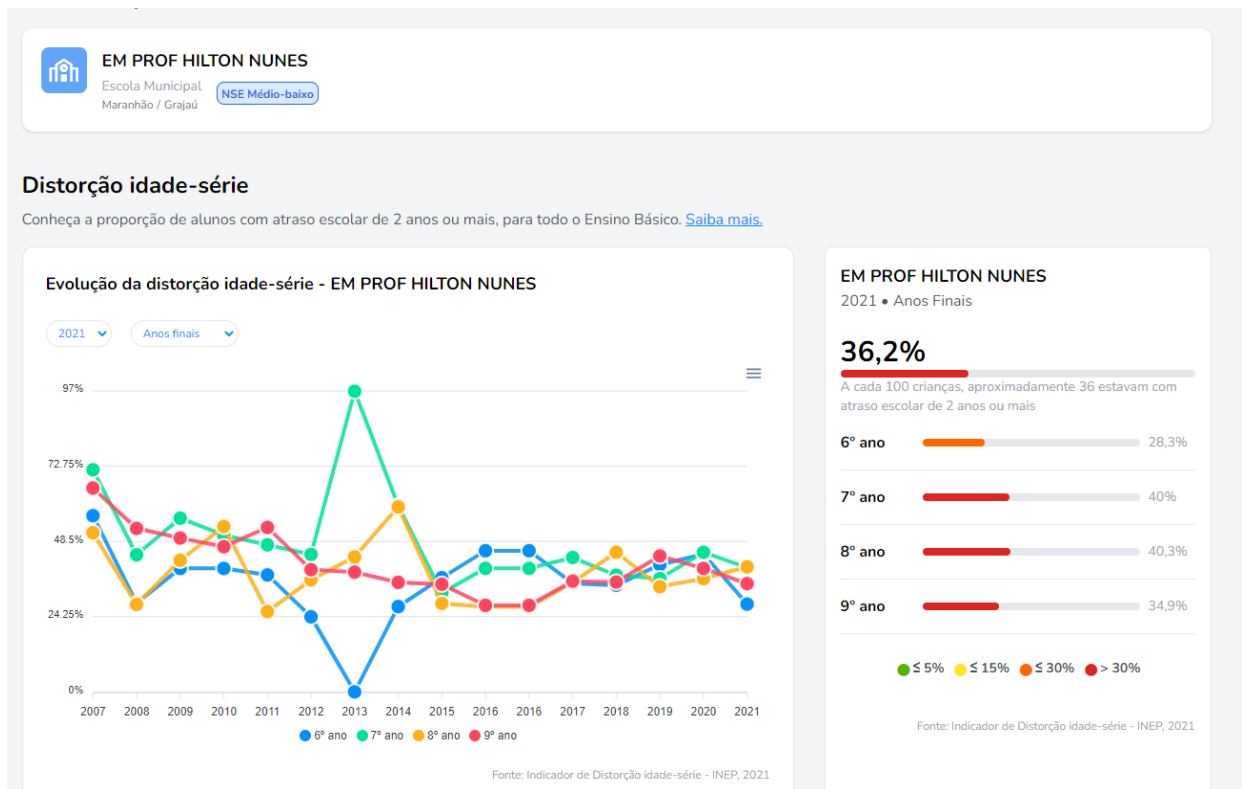
Com o fechamento das escolas como medida para conter a propagação do vírus, muitos estudantes foram privados do ensino presencial. Isso pode ter levado à perda de conteúdo e ao enfraquecimento das habilidades de aprendizagem.

Para enfrentar a interrupção das aulas presenciais, muitas escolas adotaram o ensino à distância, oferecendo aulas online, atividades e recursos digitais para os alunos continuarem aprendendo em casa.

Durante o período pandêmico as aulas na escola pesquisada, ocorreram por meio virtual utilizando o aplicativo WhatsApp como apoio e blocos de atividades elaborado pelos docentes. Os alunos ficavam na responsabilidade de estudar a parte do livro didático correspondente as unidades solicitadas pelo docente, e em seguida responder os blocos de atividades, esses blocos de atividade seria a única forma de avaliação que o docente tinha do aluno, o aluno que entregasse o caderno de atividades na data prevista não poderia ser retido.

A única plataforma utilizada pelos docentes foi o Whats App, por ser uma plataforma de fácil acesso e a maioria dos alunos conseguirem acessar, nela era passada informações sobre o andamento do ano letivo, assim como as dúvidas dos alunos sobre os blocos de atividades.

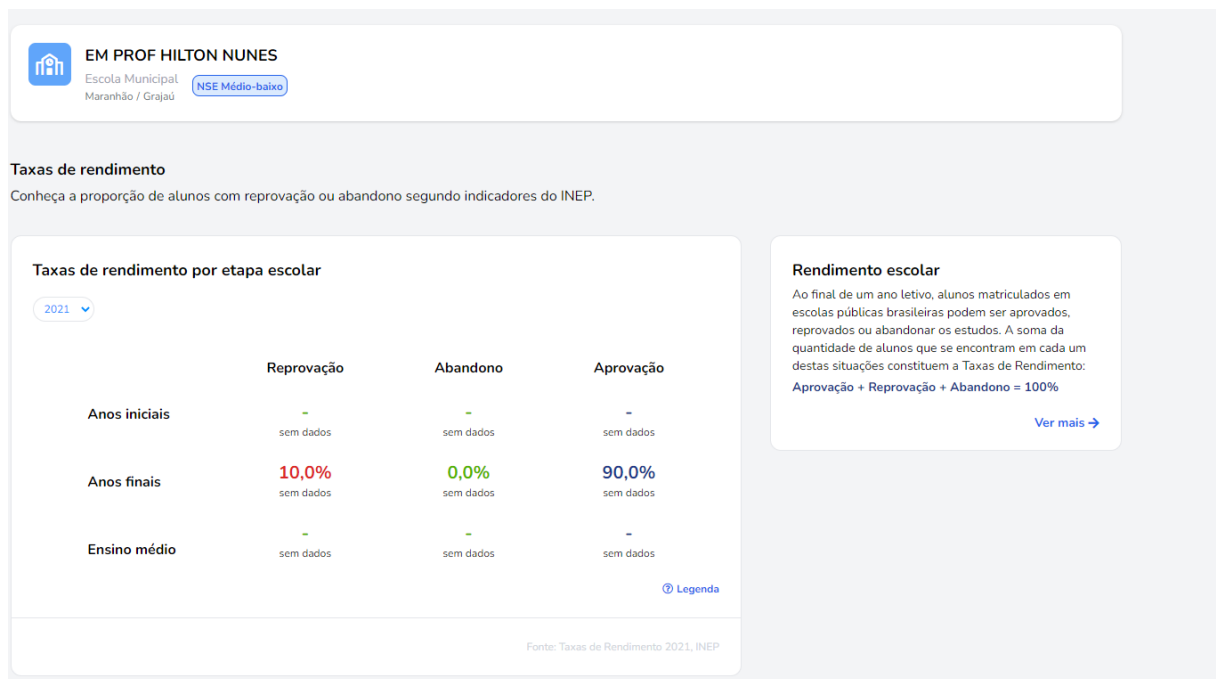
Figura 3 - Distorção idade-série



Fonte: <https://qedu.org.br/>

A distorção idade-série (DIS) é um problema que alcança milhares de crianças e adolescentes na Educação Básica, principalmente em escolas públicas. De acordo com Santos (2019), “Distorção Idade-Série ou defasagem idade-série é a condição em que se encontram alunos cuja idade é superior da série/ano na qual os mesmos deveriam estar”. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 assegura em seu artigo 208 que “o Estado deve ofertar educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”.

Figura 4 - Rendimento



Fonte: <https://qedu.org.br/>

Apesar de termos uma pequena taxa de reprovação e com a totalidade de aprovação da escola, bem sabemos que estes índices mostram o período pandêmico onde os alunos não foram retidos em seus anos de escolaridade, porém não garante que a aprendizagem tenha acontecido realmente.

3 CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DO DÉFICIT DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA INVESTIGADA

A escola pesquisada para este trabalho pedagógico traz dados bastante relevantes para serem analisados como os aspectos socioeconômicos, culturais e pedagógicos da comunidade escolar, evidenciando com isso a dificuldade da aprendizagem dos alunos.

Os professores ao serem questionados sobre déficit de aprendizagem em Geografia, mesmo reconhecendo maiores dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática, foram unânimes ao afirmarem que:

“Assim como as demais disciplinas, tem sim alunos com déficit de aprendizagem em Geografia. Em relação à quantidade não sei exatamente quantos são, porém posso afirmar que é uma minoria”. (Professor B)

Os demais professores assim como o professor “B” afirmam ter alunos com déficit de aprendizagem em Geografia, porém não sabem de um quantitativo exato de alunos. As dificuldades de aprendizagem em Geografia, embora, não sejam na mesma proporção de outras disciplinas, não pode ser negligenciada, isso porque, os conhecimentos abordados por ela, são de suma importância para a vida em sociedade e em harmonia com a natureza.

3.1 Aspectos pedagógicos

O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino-aprendizagem com sua experiência e conhecimento “a priori”, intelectual, afetivo e social considerando-se fatos, entre os quais, que a maioria das crianças e adolescentes são oriundos de famílias onde os adultos são analfabetos ou foram alfabetizados com pouco ou nenhum contato com leituras, não entendendo o que leem. Sobre esta questão, Castrogiovanni (2000, p.11) acrescenta:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e contextualizar as novas leituras de vida.

Por mais liberdade que o professor tenha no seu trabalho, ao mesmo tempo tem uma responsabilidade muito grande na escolha da forma e do conteúdo a ser trabalhado com seus alunos e alunas, para atingir o alcance dos objetivos propostos. A aprendizagem é impulsionada por meio de estratégias e recursos que, por sua vez, dependem de um planejamento que utilize como base a realidade, as necessidades e as possibilidades dos alunos e alunas no sentido de promover a construção do conhecimento de forma contextualizada.

Nesse contexto, a formação docente é essencial, formação essa considere a aprendizagem do aluno e da aluna, a sua realidade e necessidades e que valorize esses profissionais, além disso, que se dê em suas múltiplas dimensões, acadêmica, em serviço e autoformação, de modo que, os professores e as professoras brasileiros também busquem conhecimentos e melhoria de sua prática, contudo.

Portanto não haverá melhoria na educação sem que haja investimentos na qualificação e valorização docente.

O saber para ser socializado requer uma série de fatores, dentre os quais, condições satisfatórias de trabalho, melhoria na estrutura física das escolas, recursos pedagógicos, merenda escolar, um projeto político-pedagógico produzido coletivamente e praticado, além do mencionado investimento em formação docente e da motivação para aprender. De acordo com Cavalcante (2010, p.17):

Alguns estudos têm demonstrado que o desempenho do sujeito será melhor quando a motivação promove a ação para aprender, pois o indivíduo tem certeza e o desejo pelo ensino. Mobiliza a motivação muito alta, o que pode auxiliar o raciocínio e a recuperação de informação da memória, necessárias para aprender.

A Geografia, atualmente, tem buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que consigam construir compreensões novas e mais complexas a esse respeito.

Espera-se que, dessa forma, os alunos desenvolvem a habilidade de identificar e refletir sobre diversos aspectos da realidade, assimilando a relação sociedade/natureza. Segundo Andrade (1987, p.65):

Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação. Nessa perspectiva procura-se sempre a valorização da experiência do aluno.

É imprescindível o convívio dos professores e professoras com os alunos e as alunas em sala de aula, ao passo que se compreenda a necessidade de desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da Geografia. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência.

Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa. No ensino, professores e alunos poderão “procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos” (ANDRADE, 1987, p.70).

É importante, que o professor elabore planeje condições de aprendizagem na qual os alunos e alunas sejam capazes de aprender e utilizar os métodos de estudos geográficos. Pois de acordo com Sousa (2018, p. 06):

A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares.

Isso não quer dizer que os processos tenham um termino em si próprio, nesse sentido Sousa (2018) vai dizer que a observação, descrição e comparação têm como objetivo construir conceitos, aprofundar os fenômenos, identificar problemas e entender as possíveis soluções. Precisam ser contextualizados e as situações de aprendizagem fomentadas de forma que os conhecimentos em Geografia possam ser ensinados e aprendidos.

Segundo Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), A Geografia possui uma abordagem particular enquanto campo de estudo, pois fornece ferramentas cruciais para a compreensão e intervenção na sociedade. Através dela, podemos entender como diferentes comunidades interagem com o meio ambiente para moldar o seu espaço, as características únicas do lugar em que vivemos, o que o torna diferente e semelhante a outros lugares, e, assim, aumentar a nossa consciência dos laços afetivos e de identidade que estabelecemos com ela.

Além disso, temos a oportunidade de compreender as diversas conexões entre um local e outros locais, mesmo que sejam distantes em termos de tempo e espaço, e podemos observar a relação entre o passado e o presente. Com base no enunciado, Cavalcante (1998, p.87) afirma que esse conjunto de relações:

Indica a necessidade da seleção de conceitos geográficos, por meio dos quais se abordarão conhecimentos geográficos diversos. A seleção dos conhecimentos e conceitos não se faz isolada da definição de abordagens metodológicas que possam favorecer o ensino/aprendizagem da espacialidade dos fenômenos. Para Cavalcanti, a abordagem sócio-construtivista seria o aporte metodológico capaz de favorecer um trabalho de alfabetização espacial, ou seja, um trabalho que permita aos educandos ler o real por meio dos conhecimentos geográficos.

Caso analisemos o conteúdo dos Parâmetros Curriculares Nacionais acerca do ensino de Geografia, percebe-se que a década de 1990 foi um ponto de virada histórico para a educação no Brasil. Isso se deve ao destaque dado às políticas públicas implementadas nesse período, principalmente as voltadas para a educação básica. Tais políticas abrangem a ampliação do acesso à educação, o combate à evasão escolar, a avaliação de sistemas e materiais de ensino, a valorização do

investimento na capacitação dos professores, além da elaboração de propostas curriculares tanto em âmbito nacional - como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) - quanto em níveis estaduais e municipais, assim como outras medidas.

Perante essas contribuições, pode-se dizer que o desenvolvimento do pensamento espacial, que auxilia na compreensão do mundo por meio da análise geográfica, é relevante para os alunos do ensino fundamental.

Pensar na formação do indivíduo crítico implica em estimular o aluno questionador, não dando uma explicação pronta do mundo, mas apresentar elementos para o próprio questionamento das várias explicações.

As polêmicas presentes na esfera educacional brasileira após 1990 possuem forte vínculo com transformações ocorridas em vários setores. De acordo com Cavalcante (2002, p. 11):

Na economia, na área da comunicação, nas práticas culturais, nas áreas da produção do conhecimento e nas artes em geral, é coerente afirmar que as orientações educativas divulgadas a partir do referido período e aquelas que a elas se seguiram, reconhecem a escola como uma instituição da sociedade e tanto os documentos oficiais como as discussões acadêmicas assumiram como objetivo precípua que as ações educativas cumpram "tarefas sociais relevantes".

Segundo Cavalcante, (2002, p.32) sob essa lógica fica a cargo do professor que trabalha a Geografia, a função e a competência de favorecer aos educandos o entendimento do lugar em que estão inseridos e em que vivem.

É importante enfatizar que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos ao longo de sua vida como educando, e esse estudo permita que ele compreenda como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço.

O estudo geográfico manifesta grandes divergências em relação ao passado com percas e vitórias, na busca por uma Geografia política cívica verdadeiramente crítica que as escolas considerem uma base para um discurso único, em busca de alunos que construirão mais que apenas conhecimento. É uma associação que, embora confinada ao mapa e desvinculada da disciplina sem qualquer contextualização social, constitui na verdade a formação de um cidadão.

A partir dessa compreensão, devemos proporcionar um método que abrangem o crescimento do estudo da Geografia no Brasil, desde a época de sua fundação até a sua atual reforma, mostrando sempre perspectiva sobre a ciência

que procura seu lugar na sociedade, tendo em vista que é uma disciplina de suma importância para a formação de docentes e discentes.

É importante mencionar que a educação jesuíta que dominou grande parte da educação escolar neste país até ao século XIX, teve grande influência na filosofia quanto na formação dos docentes de geografia, mesmo que o ensinamento desta disciplina ainda não fosse muito importante nesse contexto. Nesse sentido Rocha (2000, p. 131) aponta:

Durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil a Geografia não teve assento nas escolas enquanto disciplina escolar. Não existiram, também, cursos de formação de professores (as) para atuar com o ensinamento destes saberes. Os conhecimentos geográficos, por serem de grande interesse do Estado, eram bem pouco vulgarizados nas salas de aulas.

Desde o princípio da educação escolar neste país, existe uma grande desvalorização da disciplina de geografia por parte do estado, bem como dos profissionais dessa área. Nesse sentido Rocha (2000) afirma que os professores que lecionam nesta área provêm de outras áreas do conhecimento ou de outras profissões como (advogados ou sacerdotes) os mesmos eram autodidatas ainda em início de carreira em outras áreas do conhecimento.

É sabido que o material atribuído ao ensino de Geografia não beneficiava as particularidades geográficas, por não serem escritos por geógrafos. Desta maneira esses materiais consistiam em descrições de uma realidade incoerente, nesse sentido Pontuschka (2007 et al., p. 46) afirma:

A Geografia no antigo Ginásio, em 1934, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos. Esses materiais expressavam, geralmente, o que foi a ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes de rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades, etc. A memória era a capacidade central para o estudante se sair bem nas provas.

A Geografia tornou se mais fragmentada quando iniciaram os primeiros currículos universitário de formação de professores no Brasil, a partir de 1931. Desde então os Cursos de Geografia e História passaram a fazer parte de um único curso constituindo a área de Estudos Sociais, o que pouco contribuiu para o crescimento da Geografia Brasileira, sendo mais uma ferramenta à preservação dos valores do nacionalista. No entanto Conti (1976. P. 67) diz que: “O declínio acentuado do ensino da Geografia e da História em nível superior é um dos

resultados lógicos de uma reforma de ensino dirigida no sentido de minimizar a importância das Ciências Humanas na Educação Geral”.

O estudo da Geografia é de grande relevância por levar em consideração as particularidades e ao mesmo tempo capacitar alunos e alunas a compreensão do espaço e suas relações de poder, permitindo compreender e descrever sobre determinado assunto e fenômenos e ao mesmo tempo associar ao cotidiano.

A exclusão da disciplina de Geografia das universidades e a substituição pelo Estudos Sociais levou o enfraquecimento da disciplina no ensino básico, causando grande adversidade aos docentes que via a sua disciplina apenas como um conjunto de conteúdo, normalmente, desligada do cenário social. Neste contexto, as limitações da educação promovem uma educação que necessita de pensamento crítico e reflexivo. Assim afirma Conti (1976, p. 61) “A eliminação da Geografia e da História do currículo concorreria para empobrecer a formação humanista da juventude, comprometendo de forma grave seu preparo integral e equivaleria ao fracasso do ensino em si mesmo”.

A política de formação docente ficou ainda mais incerta, para tanto é necessária que haja alterações na configuração desses cursos, para que aconteça formação especializada em Geografia ou História, possibilitando o professor o recebimento do Diploma de Educação Continuada assegurando desse modo, a Licenciatura Plena.

Os professores da geografia Inspirados por um debate promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) com o propósito de promover Reformas Curriculares na Educação Brasileira e conter o abandono da disciplina, sendo necessário o auxílio das autoridades na expectativa de mudanças. Para tanto (PONTUSCHKA et. al., 2007, p.66) discorre que:

A Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de Professores Universitários de História (ANPUH) auxiliaram, com as respectivas críticas, na extinção de Estudos Sociais e também contribuíram para a aproximação por parte do professorado à universidade. Esse processo colaborou para minimizar o desconhecimento da produção geográfica e histórica.

Vale destacar a contribuição da AGB nesta luta de fortalecimento da disciplina de Geografia, através de organizações em eventos, que abrem caminhos para debates a disciplina de Geografia no ambiente escolar, discursões essas que

promove à produção acadêmica trazendo como fundamento a valorização do profissional e sua contribuição de forma positiva na educação.

Somente no final dos anos 80 do século XX que acontece certo progresso no currículo, onde as disciplinas de Geografia e História começam a ser introduzidas nas unidades de ensino básico, por conseguinte nas escolas privadas que começa a promover cursos complementares a fim de tornar as licenciaturas que tinha pouco tempo de duração mais completa.

Apesar das mudanças no currículo dos anos 80, o retorno da geografia às universidades não resultou em mudanças perceptíveis na forma de ensino. Existem grandes lacunas na preparação do professor licenciado, a preocupação das universidades era com formação de profissionais de outras áreas do conhecimento.

Dentro dessa política de formação e ensino de Geografia, o déficit de aprendizagem em Geografia passa a ficar em evidência, conforme ressaltado nas falas dos professores entrevistados. A professora “A” e o professor “B” “fazem uma crítica em relação à política educacional, e ambos afirmam que a política educacional colabora sim com o déficit de aprendizagem, por ela presar pela quantidade e não qualidade de ensino.” Além disso, os professores A, B e C afirmam que:

“Ao chegar ao final de um ano letivo há uma quantidade de alunos que não têm condições de progredir, porém o próprio sistema educacional nos obriga a passar esses alunos. (Professor B).

“A falta de materiais didáticos e paradidáticos na escola, dificulta nosso trabalho, onde precisamos nos reinventar para ministrar as aulas”. (Professora A)

“A falta de recursos pedagógicos acaba limitando o trabalho do professor, se houvesse recursos como mapas entre outros... o professor poderia ministrar uma aula diferenciada e menos cansativa para nossos alunos”. (Professora C)

As falas dos docentes evidenciam que o sistema educacional ainda é muito falho, sendo pontuada também a grande falta de investimentos em materiais didáticos, bem como, na formação continuada dos professores, haja vista, que essa falta de investimento em ambas as partes acaba empobrecendo o aprendizado dos alunos.

Podemos dizer que a trajetória docente é marcada por grandes obstáculos, principalmente no que tange a deficiência em formação de professor de

Geografia, principalmente com relação a escola de ensino fundamental pois é notório uma grande inexistência desse curso mesmo nas grandes universidades.

A profissão docente passou a ser considerada apenas para aqueles que não haviam alcançado capacidade para exercer outras atividades, o que contraria a forte influência técnica e prática da geografia da época, e em muitos casos, condiz com a realidade atual. Uma vez que a universidade privilegia a formação de bacharéis em detrimento de licenciados, essa estrutura permanece inalterada.

As lutas na formação do docente de geografia acabam fragilizando o profissional com questões desnecessárias, em busca de valores e poder dentro da academia entre Bacharel e o Licenciado em Geografia. Em relação a isso Vesentini (2002, p. 239) registrou: “O curso superior de Geografia não deveria enfatizar essa diferença entre bacharelado e licenciatura e muito menos subestimar a formação de professores.”

Todo esse descaso, que abrange a educação em sua totalidade, implica na necessidade de uma mudança por parte do governo. Visto que o Estado não está preocupado em formar indivíduos críticos e reflexivos, mas sim em criar uma mão de obra produtiva que não questione. Nesse sentido Vesentini (2002, p. 236) discorre que:

O fundamental era uma pequena formação técnica para a população em geral (encarada não como cidadãos, mas como força de trabalho), que as próprias empresas poderiam oferecer de forma mais eficaz que as escolas. Assim sendo, fica evidente que o Ensino de Geografia (como o da História, Sociologia, Filosofia) não era importante.

Os docentes de geografia assim como de outras áreas começaram a ser desafiados na sua formação, no próprio ambiente educacional, com consequências que vão desde a perda do espaço escolar e conseqüentemente redução de salário e também expediente, constituindo uma situação desigual entre profissionais de outros setores ocasionando conflitos no ambiente escolar que lamentavelmente, ainda é uma realidade na Educação Brasileira, especialmente com o advento da BNCC.

4 ESTRATÉGIAS DE ENSINO ADOTADAS DIANTE DO DÉFICIT DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA

Para que o trabalho pedagógico aconteça de forma satisfatória a levar os alunos e alunas à aprendizagem, dentre os inúmeros desafios que os professores enfrentam, é fundamental conhecer de perto as várias situações que cada indivíduo possui nas suas particularidades, especialmente na motivação e mobilização do desejo de saber, de conhecer.

O professor de Geografia precisa ser o interlocutor entre o conhecimento e esse alunado, fazendo com que crianças, jovens e adultos sintam curiosidade e tenham espírito investigativo nas suas ações em busca de uma aprendizagem que faça sentido para suas vidas.

4.1 Dificuldades apontadas pelas professoras e professores para a realização da prática docente

É importante enfatizar, que atualmente, a docência tornou-se uma profissão muito mais desafiadora, visto que com nossas rotinas em sala de aula, compreendemos o quanto ela nos impõe, gradualmente, a condição de sermos indivíduos multifacetados. Continuamente, somos desafiados por inúmeras questões, no ambiente educacional, que envolve a escola, que rodeiam nossas crianças e adolescente o que, muitas vezes, manifesta na prática docente.

A docência não é algo que nos tornamos repentinamente, mas sim, nasce de um processo contínuo de construção diária, por meio das vivências, das complexidades pelas quais vivenciamos, dos nossos conhecimentos, práticas e por meio das nossas falhas, tendo em vista que nem sempre iremos acertar dentro do ambiente escolar.

Nesse sentido, os professores entrevistados relataram que as principais dificuldades na realização do seu trabalho são:

“Falta de interesse/atenção dos alunos e falta de materiais didáticos”.
(Professores A e C)

“Falta de empenho/atenção dos alunos. Mesmo com aulas bem diversificadas com informações e curiosidades atualizadas de outras fontes além do livro didático, a fim de chamar a atenção do aluno, porém poucos prestam atenção”. (Professor B)

As falas dos docentes evidenciam que a falta de participação e percepção dos alunos pela disciplina acaba empobrecendo sua autoridade enquanto docente e, desta forma, a mera transmissão de informação sem o adequado retorno não caracterizaria um produtivo processo de ensino-aprendizado.

Os professores ainda acrescentaram que para terem um trabalho mais qualitativo há alguns elementos importantes, como:

“Primeiramente há a necessidade de investimentos em materiais didáticos e outros recursos como datashow, internet de qualidade, atlas... e formação continuada da disciplina de Geografia”. (Professores A e C)

“O desinteresse dos alunos pela disciplina é uma das maiores dificuldades para realização do meu trabalho, acredito que se houvesse uma intervenção de um profissional para diagnosticar esses alunos e buscar saber de fato porque eles não têm interesse pela disciplina seria uma das soluções; sem falar que se houvesse formação continuada seria uma forma de enriquecer nosso trabalho”. (Professor B)

Dessa maneira, percebe-se que os professores entendem a necessidade e importância dos recursos tecnológicos em suas práticas em sala de aula, assim como formação continuada dos professores a fim de favorecer aprendizados referentes a boas práticas de ensino que atendessem às necessidades dos alunos e alunas.

Portanto, um dos maiores desafios, seja mobilizar as crianças, os jovens e os adultos ao encontro do saber, considerando a sua importância para a vida em uma sociedade que é marcada por grande desigualdade social, em que o ensino é visto como uma forma de negociação.

A Priore, o currículo imposto nas escolas dá preferência às notas em detrimento do aprendizado do aluno. Isto significa que a cada dia observamos mais alunos e alunas que chegam à escola sem nenhuma visão em relação ao desenvolvimento educacional, no entanto nós enquanto educadores nós sentimos desafiados a reverter toda essa situação. Nesse sentido é importante instigar os alunos e as alunas na busca pelo conhecimento. Para Charlot (2013, p. 114):

Ensinar é, ao mesmo tempo, mobilizar a atividade dos alunos para que construam saberes e transmitir-lhes um patrimônio de saberes legado pelas gerações anteriores de seres humanos. Conforme os aportes de Bachelard, o mais importante é entender que a aprendizagem nasce do questionamento e leva a sistemas constituídos.

Uma realidade que encaramos na prática escolar é o grandioso número de jovens que chegam à escola com problemas sociais e de aprendizagem,

acarretando dificuldades na apreensão dos conhecimentos e saberes. Nesse sentido Arroyo (2012, p. 25) afirma que:

Conviver com outras vidas mais vulneráveis é a experiência mais desafiante para nossa reflexão e ação pedagógica. Se a infância desafia a pedagogia desde suas origens, a experiência de vivê-la com tanta precariedade traz desafios ao repensar-se da pedagogia e da docência: chegam com fome, vidas sofridas. Não consigo desfazer-me de seu olhar... Falas conscientes de docentes-educadores(as). Outra história de outras infâncias que se afirmam presentes nas escolas e na sociedade.

São grandes os desafios que vivenciamos na docência, principalmente quando diz respeito aos alunos e alunas que se encontra dentro do ambiente escolar enquanto espaço físico, mas simultaneamente “distante”, por não se sentirem incluídos em um espaço que, para eles e elas, não possuem significado. Acontecimentos assim reforçam o nosso papel de produzir com os alunos e alunas uma nova percepção do ambiente escolar, para que os mesmos se sintam como sujeitos ativos. Pois entendemos que a maioria dos nossos discentes é de família de baixa renda e vivem em áreas vulneráveis da cidade, é notório que a maioria não possui em casa uma estrutura familiar que consiga dar suporte a eles e à escola. De acordo com Mosé (2014, p. 65)

[...] a educação deve permitir aos jovens e às crianças construir para si mesmos destinos, e isso envolve permitir que exerçam o seu protagonismo, atuem em sua própria vida e na sociedade. [...] ou por trás de muros cada vez mais altos permanecerão crianças e adolescentes afastados do mundo, se preparando para uma vida que só começa quando a escola termina.

Na docência presenciamos diversas questões que fazem parte do nosso cotidiano enquanto educadores, sendo um dos grandes desafios lidar com alunos e alunas com necessidades específicas, ou atendidos pela Educação Especial. Pois é sabido que nós professores não temos uma especialização para atender esse público com qualidade. Entretanto o receio de não possuímos uma formação adequada para atender a esses alunos acaba limitando o trabalho do professor. Visto que é necessário o acesso a conhecimentos, recursos e o apoio de outros profissionais que possam dar uma assistência a mais ao docente para que assim ele possa contribuir no processo de ensino-aprendizagem diante de suas limitações.

É importante enfatizar que através desses alunos temos a oportunidade de aprender muito mais que podemos ensinar. Isso instiga o professor a procurar desenvolver novas formas de ensino, para que possa atender a todos e todas, independentemente das suas dificuldades e limitações.

Há ainda outra questão desafiadora que encontramos na nossa profissão, vista na maioria das escolas, é o fato de se seguir o mesmo padrão de currículo, sempre com as mesmas propostas de prática pedagógica, com o mesmo conteúdo segmentado, pronto e acabado nos currículos escolares, especialmente na BNCC.

Nas vivências em sala de aula, proporcionar a interdisciplinaridade adicional ao currículo, permite que o conhecimento seja visualizado de forma mais integrada com diferentes tipos de conhecimento. Podemos constatar também que alguns professores não estão preparados para promover a formação interdisciplinar, preferindo ficar na sua “zona de conforto” e permanecer nas suas “ilhas de conhecimentos”.

A interdisciplinaridade abrange os resultados de diferentes disciplinas. Isto visa integrar e refletir ainda mais a construção do conhecimento na sala de aula, em vez de simplesmente refletir sobre cada ciência separadamente. O espírito interdisciplinar não exige conhecimentos profundos de diferentes áreas do conhecimento, mas reconhece que o conhecimento é vasto e interligado e não pode ser dividido isoladamente.

4.2 Sugestões para o enfrentamento do déficit de aprendizagem em Geografia

Um dos grandes desafios da prática docente é desenvolver uma interligação entre o que se ensina e o que está presente na realidade dos alunos e alunas, desenvolvendo, portanto, práticas de ensino contextualizadas e significativas. Além disso, é importante com a fragmentação entre teoria e prática, para que a aprendizagem se dê de forma efetiva.

Para o ensino de Geografia, a autora Cavalcanti (2008, p. 175-176) ressalta que:

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de geografia é o de uma reflexão sobre os objetivos. Ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma independente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as condições e formas de organizações.

À medida que o tempo e o contexto educacional mudaram, o ensino de Geografia também foi se modificando, não só a partir das práticas, mas, principalmente, em relação ao conhecimento, pois, antes, o professor dessa

disciplina, para poder ministrar a sua aula, só precisava possuir os conhecimentos referentes à sua formação, ou seja, o ensino se resumia apenas a uma mera transmissão.

Portanto, com o passar dos anos, foi preciso fazer uma reflexão sobre a prática para analisar como estava a aprendizagem dos alunos e alunas. Diante disso, iniciou-se uma busca pela formação docente que pautasse os seus métodos em um ensino mais significativo para contribuir com o processo de aprendizagem, para a formação do pensamento crítico e para o desenvolvimento intelectual com base nos conhecimentos geográficos.

Diante desta questão, os professores que foram entrevistados, afirmaram que não há uma política de formação por parte da Secretaria da Educação no que diz respeito ao estudo da Geografia.

Na visão de Vesentini (2005), estudar Geografia é uma forma de compreender o mundo em que vivemos. Por meio desse estudo, podemos entender melhor o local em que moramos, seja a cidade, seja a área rural, e o nosso país, assim como os demais países. O campo de preocupações da Geografia é o espaço da sociedade humana, onde homens e mulheres vivem e, ao mesmo tempo, produzem modificações que constroem permanentemente.

Nesse sentido, a ação da reflexão proporciona ao professor um ensino diferente daquele que geralmente é desenvolvido na escola, especificamente na disciplina de Geografia, em que o ensino é realizado, em grande parte, sem muitos estímulos, em que a aprendizagem se limita apenas à reprodução mecânica dos conteúdos geográficos.

Para Cavalcanti (1998, p. 11) “a Geografia contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial”. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

Diante disso, é preciso destacar a importância que o ensino de Geografia possui para a contribuição da percepção e compreensão do espaço geográfico pelo aluno. Segundo Cavalcanti (1998, p.24), “A finalidade de ensinar Geografia para

crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”.

Apesar de toda a sua importância enquanto ciência que possibilita aos alunos a construção de um pensamento crítico, o ensino de Geografia vem passando por diversos problemas, o que dificulta o trabalho do professor em lidar com os desafios postos em sala de aula, dentre os quais podemos destacar: o desinteresse dos alunos e a indisciplina em sala de aula. Ainda segundo Cavalcanti (2008, p. 95), “na prática, a Geografia ensinada muitas vezes não consegue ultrapassar ou superar as descrições e as enumerações de dados e fenômenos, como é da tradição dessa disciplina”. Na prática, o livro didático, um dos recursos mais utilizados, define o que vai se ensinar, e os professores, em grande parte, trabalham os conteúdos de maneira desarticulada com a realidade e necessidades dos alunos e alunas.

Nesse sentido, continua a ser um desafio trabalhar com situações-problema, buscando a formação de um pensamento conceitual, para servir de instrumento da vida cotidiana, tendo em mente ao mesmo tempo a complexidade do mundo contemporâneo e o contexto local. Cavalcanti (2008) destaca que o objetivo do ensino de Geografia é contribuir para o desenvolvimento do pensamento autônomo, considerando a internalização do raciocínio geográfico, sendo importante organizar os conteúdos valendo-se de conceitos básicos em relação à apreensão do espaço geográfico.

Assim, como discutido anteriormente sobre as dificuldades e vários outros embates que fazem parte da nossa realidade enquanto educadores, ao pensarmos no ensino de Geografia como uma ciência crítica e reflexiva que contribui para a formação do pensamento crítico dos nossos educandos, não podemos esquecer que esse ensino perpassa por algumas questões que requerem pesquisa, investimento em formação, planejamento e condições de trabalho, para que possamos construir um ensino mais empolgante e significativo para os nossos alunos e alunas durante as aulas. Para Cavalcanti (2010, p. 20):

[...] O ensino de Geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

É preciso que durante as aulas possamos sempre estar interligando os conteúdos que estamos discutindo em sala, em nossa disciplina, fazendo uma ponte com a realidade de nossos educandos, pois não se trata apenas de transmitir saberes advindos da formação docente, mas, de construir conhecimentos com os educandos de maneira integradora e reflexiva sobre o meio do qual fazem parte.

Ao falarmos sobre o ensino de Geografia pautado na construção do conhecimento em sala de aula e mostrando que ainda há algumas questões a serem discutidas e refletidas sobre a maneira como interagimos, por meio dessa ciência, com os educandos, é importante também trazer para essa discussão as práticas pedagógicas que rodeiam toda essa teia de conhecimentos que fazem parte do contexto da atual realidade escolar que vivenciamos.

Em nossa prática em sala de aula, necessitamos cada vez mais de maneiras de ensinar promovendo aprendizagens, que venham proporcionar, aos educadores e aos educandos, novas formas de trazer o conhecimento para o encontro desses sujeitos que compõem a sala de aula como espaço de interação e de transformação de novas mentes.

Na Geografia, além de outras questões que compõem os desafios e as dificuldades que vivenciamos em sala, percebemos também as práticas pedagógicas como um desses embates que nos colocam numa posição de buscar novas estratégias para o processo de ensino-aprendizagem. E como forma de enfrentar o déficit de aprendizagem em Geografia, os professores entrevistados, acrescentaram que:

“É importante mudança na política educacional, porque o sistema obriga o professor a passar o aluno sem nenhuma qualificação” (Professora A).

“Identificar a dificuldade que o aluno está passando, seja ela financeira, emocional, psicológica e buscar intervenção com ajuda de outros profissionais capacitados nessa área, como psicólogo, assistente social, psicopedagogo entre outros profissionais, porque nós professores, não somos habilitados para desenvolver esse tipo de trabalho mais delicado. A partir do momento que houver essa intervenção/ identificação acredito que haverá uma solução para esses alunos. (Professor B)

“É comum uma grande cobrança para cima do professor, onde o professor tem que ser o psicólogo, advogado entre outras funções que não está ao seu alcance, sem falar que trabalhamos em salas superlotadas entre 35 a 40 alunos e acredito que se essa carga fosse dividida com profissionais capacitados para cada caso, com certeza, o déficit de aprendizagem seria enfrentado.” (Professor B)

Diante das falas dos docentes observa-se que as dificuldades de aprendizagem podem acontecer a partir de vários fatores, como do meio onde vivem, do ambiente escolar entre outros, para isso é preciso que a escola seja o lugar onde esses problemas/dificuldades possam ser superados e os educandos tenham a oportunidade de se desenvolver de maneira mais ampla.

5 CONCLUSÃO

São grandes os desafios na escola que podemos descrever, e que devemos como educador buscar sempre superá-las e termos a difícil tarefa de nós reinventarmos todos os dias em salas de aula, através de novas formas e situações de aprendizagem ou, até mesmo, na forma como desenvolvemos a profissão docente, em busca de amenizar as dificuldades que enfrentamos na docência durante a condução das aulas, fica claro que muitos de nossos ensinamentos e preceitos ainda precisam ser reconsiderados de acordo com as condições e dificuldades impostas à nossa profissão.

Não se trata apenas da experiência docente, mas de muitos outros fatores que fazem parte da necessidade, como professores, a reinventar o nosso ensino, independentemente da forma como entramos no contexto escolar, seja através da forma como interagimos com nossos alunos, ou das nossas práticas pedagógicas desenvolvidas; Pois, por meio de nossas práticas docentes progressistas de buscar entender e compreender o mundo com o qual nossos alunos interagem, podemos compreender melhor suas fragilidades e preocupações além de ensiná-los. E os sonhos que eles carregam, visto que nos deparamos sempre com uma variedade de alunos com diferentes potencialidades, dificuldades, limitações e interesses distintos.

Na escola pesquisada, um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes é a indisciplina e a falta de atenção, isso ocorre porque a maioria dos estudantes vive em áreas da cidade bastante vulneráveis, onde provavelmente vivenciam violência, abandono e falta de estrutura familiar. Portanto temos que aproveitar bem o nosso lado profissional, porque observamos jovens estudantes chegando à escola sem nenhuma perspectiva de conhecimento e para muitos a sala de aula é vista apenas como um refúgio. E para tentarmos compensar toda essa situação que se

reflete no processo de aprendizagem em sala de aula, precisamos exercer muito bem o nosso lado profissional e pessoal.

Essa escola atende uma grande demanda de alunos que carregam vestígios de uma realidade de vida que reflete em sala de aula, do ponto de vista docente, visto que além da indisciplina descrita acima, existe outros fatores que envolve a falta de motivação para a busca do conhecimento.

Há uma notável falta de interesse nas turmas em aprender a disciplina, alunos que não se sentem inseridos na sala de aula, que só estão na escola com os corpos e não como mentes ativas em busca do conhecimento, sendo esse um dos maiores desafios vivenciado na docência, despertar nos nossos alunos o interesse pelo o conhecimento. Outra dificuldade vivenciada na escola é lecionar para alunos que apresentavam necessidades especiais, pelo fato dos mesmos necessitar de professores com capacitação adequada para atendê-los da forma que eles necessitam. Nesse sentido, é necessária uma nova pedagogia de ensino na prática docente, adquirida por meio da capacitação dos professores.

Entendemos que a docência nos apresenta inúmeros desafios. E quando somos desafiados, começamos a aprender mais, pois é através dos desafios que percebemos nossas limitações e capacidade de desenvolvimento, e ao mesmo tempo ampliando o nosso mundo de vida através das experiências em sala de aula.

Neste caso, é importante fazer uma relação da vida com a sala de aula, tendo em vista que é a área de grande importância, onde aprendemos competências e nos vemos como especialista na nossa prática diária, visto que além de todos os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, sabemos que para se promover uma educação de qualidade, ainda precisamos de novos horizontes que possa ampliar nossos conhecimentos.

Ao longo desta monografia, procuramos analisar as principais dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental em uma escola pública em Grajaú-MA e seus reflexos no rendimento escolar. Apontando os aspectos quantitativos e qualitativos referentes ao déficit de aprendizagem e o ensino de Geografia, além de identificar as principais causas e consequências do déficit de aprendizagem na escola investigada e apontar as principais estratégias utilizadas no ensino de Geografia para alunas e alunos com déficit de aprendizagem.

O ensino de Geografia tem sido determinado por grandes debates que englobam o processo ensino-aprendizagem, a escassez de recursos para o trabalho com os alunos, a formação de professores deficitária, a dificuldade metodológica no trabalho com as novas tecnologias, além da dificuldade em estabelecer relações e compreensões entre o ser humano e o habitat natural.

A escola pública, onde se deu a pesquisa, traz dados bastante relevantes para serem analisados, como os aspectos socioeconômicos, culturais e pedagógicos da comunidade escolar, evidenciando, com isso, a sua relação com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e alunas.

Para que o trabalho pedagógico aconteça de forma satisfatória e consiga levar o aluno à aprendizagem, devemos considerar os inúmeros desafios que os professores enfrentam e conhecer de perto as várias situações que cada indivíduo possui nas suas particularidades, sem perder de vista, a motivação quanto ao desejo de aprender.

Nesse sentido, o docente de Geografia precisa ser o interlocutor entre os conhecimentos e o grupo de alunos e alunas, considerando suas particularidades, fazendo com que crianças, jovens e adultos tenham curiosidade e espírito investigativo nas suas ações em busca de uma aprendizagem que faça sentido para suas vidas.

Para que isso ocorra, no entanto, é imprescindível que haja políticas públicas e ações voltadas para o investimento em formação docente e em condições de trabalho para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem e possibilitem práticas educativas que favoreçam o ensino e a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ARROYO, Miguel G., SILVA, Maurício Roberto da (organizadores) **Corpo – infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação**, p. 11-22, 2000.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, L.S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construções de conhecimentos**. Campinas-SP, Editora Papirus, 16ª edição, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea**: avanços, caminhos, alternativas. In: _ Anais do Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais, I. Belo Horizonte: SeNa, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CONTI, José Bueno. A reforma do ensino de 1971 e a situação da Geografia. **Boletim Paulista de geografia**, n. 51, p. 57-74, 1976.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

DA ROCHA, Genylton Odilon Rêgo. Uma breve história da formação do (a) professor (a) de Geografia no Brasil. **Terra Livre**, n. 15, p. 129-144, 2000.

_____. Educação e Ensino de Geografia: Instrumentos de Dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). A Geografia na Sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2004, p. 14-33.

FREITAS, Eduardo de. **O ensino da Geografia no Brasil ao longo da história.** Canal do educador. Goiânia, [2018?]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/o-ensino-geografia-no-brasil-ao-longo-historia.hTM>. Acesso em: 13, janeiro de 2023.)

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Estudo do Meio:** Momentos significativos de apreensão do real. In: PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para Ensinar e Aprender Geografia. São Paulo: Cortez, 2005, p. 171 – 2007.

PONTUSCHKA; N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova: **da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Neimara Costa de Lima; FERNANDES, Maria José Costa. **A trajetória do ensino de Geografia no Brasil.** Anais CONADIS... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/50491>>. Acesso em: 15, janeiro de 2023

SANTOS, V. P. dos. **A Distorção Idade-Série nas escolas do campo:** um estudo sobre os anos iniciais do ensino fundamental em Nazaré-Ba. Dissertação de Mestrado. IlhéusBa, UESC, 2019. 217 F.

SOARES, J. F. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. **REICE - Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación** 2004, Vol. 2, No. 2. Disponível em: <http://www.ice.deusto.es/RINACE/reice/vol2n2/Soares.htm>. Acesso em: 20, janeiro de 2023.)

SOUSA, Antônio Campos, BARBOSA, José Raimundo Portela, LINS, Cíntia dos Santos. **Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dr. Antonio Regis, município de Miguel Alves (PI).** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 11, pp. 05-17 , Agosto de 2018. ISSN:2448-0959

VESENTINI, José William. A formação do professor de geografia: algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, Nacib Nídia; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto. 2002.

VESENTINI, José William. **Geografia**: geografia geral e do Brasil. 1. ed. São Paulo: Ática, 2005.

APÊNDICE 1 – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

1. Qual a sua formação? Você é formado/a em Geografia?
2. Você leciona Geografia há quanto tempo?
3. Há quanto tempo você trabalha nesta escola?
4. Você tem alunos e alunas com déficit de aprendizagem em Geografia? Você sabe dizer quantos e quais são? (Não precisa citar nomes).
5. Quais as principais causas do déficit de aprendizagem em Geografia?
6. O déficit de aprendizagem em Geografia tem relação com a política educacional? De que forma?
7. Os aspectos econômicos e culturais geram consequências na aprendizagem? De que forma?
8. Os aspectos pedagógicos geram consequências na aprendizagem? De que forma?
9. Quais conteúdos de Geografia os alunos e alunas têm apresentado mais dificuldade para aprender?
10. A Secretaria de Educação providencia formação continuada em Geografia?
11. Como se dá a relação entre a gestão da escola e os professores e professoras? Você se sente apoiado/a pela gestão da escola?
12. Você tem a oportunidade de investir em sua formação (cursos, participação em eventos, em grupos de estudos e leituras)?
13. Quais as principais dificuldades na realização do seu trabalho?
14. Quais providências deveriam ser tomadas para a realização do seu trabalho com mais qualidade?
15. De que forma o déficit de aprendizagem em Geografia pode ser enfrentado?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: O déficit de aprendizagem em Geografia no ensino fundamental em uma escola pública de Grajaú-MA

Nome da responsável: Rosa Santos de Sousa

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa da área de Humanas e Sociais, cujas especificidades nas suas concepções e práticas estão em conformidade com a Resolução CNS 510/16. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pela participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O processo de ensino-aprendizagem é contínuo e complexo, pois envolve aquisição e integração de informações em todas as etapas da vida. No âmbito escolar, ele se torna mais intenso e para que se tenha sucesso é necessário a observação de alguns pontos: compreender a importância do conhecimento prévio do aluno; compreender que cada criança possui um tempo de aprendizagem e assimilação; mediar assuntos significativos para uma compreensão e que estejam presentes na realidade de cada um, além de motiva-los a se tornarem pesquisadores e críticos (VITORINO, 2019).

Geralmente a realidade não é bem assim, pois crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam desmotivação e incômodo com as tarefas escolares, geradas por um sentimento de incapacidade. Com isso, necessário conhecer o desempenho de cada aluno, e caso o problema seja patológico, orientar a família a levá-lo a um atendimento especializado e assim contribuir com a escola para lidar de maneira adequada com a dificuldade desse aluno. Além de problemas patológicos, essa dificuldade pode estar relacionada com comportamentos, tais como: dispersão, agitação, ser quieto, provocativo, entre outras, no entanto, esse diagnóstico pode ser bem complexo (VITORINO, 2019).

Nesses casos, é necessário que o ambiente escolar encontre alternativas pedagógicas e metodologias eficazes, que visem incentivar esse aluno com dificuldade a desenvolver tarefas nas quais ela não tenha tanta habilidade. Dessa forma, este estudo de caráter quantitativo e qualitativo, por meio de observações diagnósticas, questionários e entrevistas terá como foco as principais dificuldades de aprendizagem ligadas com alunos do ensino fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Grajaú-MA. Cujo objetivo será analisar o processo de déficit de aprendizagem desses alunos e assim detectar as causas e os possíveis fatores que levam a essas dificuldades. Essa pesquisa visa abordar conceitos relacionados a aprendizagem, o papel dos pais e o papel dos educadores diante dessas dificuldades.

Objetivo geral:

Analisar as principais dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental em uma escola pública em Grajaú-MA e seus reflexos no rendimento escolar.

Objetivos específicos:

- Apontar os aspectos quantitativos e qualitativos referentes ao déficit de aprendizagem e o ensino de Geografia.
- Identificar as principais causas e consequências do déficit de aprendizagem na escola investigada).

- Apontar as principais estratégias utilizadas no ensino de Geografia para alunas e alunos com déficit de aprendizagem).

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado/a a responder uma entrevista, permitindo que ela seja gravada em áudio ou vídeo e que sua imagem seja registrada por meio de fotografias.

Observações:

- A pesquisa será desenvolvida na própria escola ou local proposto por você, em datas combinadas e sem necessidade de deslocamento.
- Mesmo sendo examinadas particularidades individuais, após ter sido devidamente informado/a e consentir em participar da pesquisa, você **NÃO** será identificado/a. Contudo, pode a qualquer tempo, desistir de participar da pesquisa.
- As entrevistas terão um tempo estimado de até duas horas para as respostas. Além disso, serão gravadas, fotografadas e/ou filmadas, armazenadas por cinco anos em computador da pesquisadora e depois, descartadas.
- Segundo o capítulo 3, artigo 5º da Resolução 510/16, o consentimento em pesquisas envolvendo a área de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas pode ser obtido de formas alternativas que não através da assinatura de um documento. Portanto, pode ser realizado por meio de sua expressão oral, escrita, língua de sinais ou de outras formas que se mostrem adequadas.
- Além da assinatura do TCLE, considerando que a entrevista será gravada, o consentimento também pode ser obtido, seguindo o protocolo: Você será informada que irá iniciar a gravação; o TCLE será lido; você decidirá se concorda (ou não) em participar da pesquisa; a entrevista será iniciada; a gravação será finalizada. Nesse caso, a pesquisadora poderá deixar um documento com o TCLE pra que você leia depois, mas sem a necessidade de assinaturas.

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo se desejar expressamente não participar da pesquisa.

Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos previsíveis para os/as participantes. Em caso de desconforto, a entrevista pode ser suspensa a qualquer momento, caso seja desejado.

Benefícios:

Os/as professores/as terão a possibilidade de refletir sobre o déficit de aprendizagem em Geografia em um escola pública de Grajaú-MA. Esperamos que, futuramente, os resultados deste estudo beneficiem outras pesquisas que façam alusão aos povos indígenas do Brasil.

Acompanhamento e assistência:

Caso tenha alguma dúvida no que diz respeito aos itens da entrevista, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável através do seguinte endereço de e-mail: rosasantos.nc@gmail.com. Após o encerramento da pesquisa, as participantes poderão visualizar os resultados para que possam refletir sobre seus saberes e práticas cotidianas.

Sigilo e privacidade:

As entrevistas permitem examinar particularidades individuais, nesse sentido, após ter sido devidamente informada e consentir em participar da pesquisa, você **NÃO** será identificado/a. Contudo, pode a qualquer tempo, desistir de participar da pesquisa.

Ressarcimento e indenização:

Considerando que o estudo será feito na própria escola ou outro local escolhido por você, durante a sua rotina, não resultará em despesas, por isso, você não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Rosa Santos de Sousa, telefone (99) 991163641, e-mail: rosasantos.nc@gmail.com

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do (a) participante da pesquisa:

Data: ____/____/____.

(Assinatura da participante da pesquisa ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do/a Pesquisador/a:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

Data: ____/____/____.

(Assinatura do/a pesquisador/a)